PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ESTUDANTES A RESPEITO DA VIDA SELVAGEM NO ENTORNO DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

Lucilene Alves Moreira Bordignon[1]
Diesse Aparecida de Oliveira Sereia[2]
Carlos Rodrigo Brocardo[3]
Karlen Rodrigues[4]

Resumo: As ações de Educação Ambiental (EA) podem ser aprimoradas ao integrar a Percepção Ambiental (PA), favorecendo a compreensão dos conflitos socioambientais em comunidades próximas às Unidades de Conservação. Este estudo investigou a PA de alunos do ensino fundamental próximos ao Parque Nacional do Iguaçu, com foco na fauna local. A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, analisou desenhos produzidos pelos estudantes para identificar seus conhecimentos e percepções sobre os animais da região. A análise de conteúdo foi utilizada para interpretar os registros. Os resultados contribuem para o planejamento de ações de EA nas escolas e para promover maior harmonia entre seres humanos e vida selvagem.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Desenho; Animais selvagens.

Abstract: Environmental Education (EE) actions can be improved by integrating Environmental Perception (EP), promoting understanding of socio-environmental conflicts in communities near Conservation Units. This study investigated the EP of elementary school students near Iguaçu National Park, focusing on local fauna. The qualitative and exploratory research analyzed drawings produced by students to identify their knowledge and perceptions of the region's animals. Content analysis was used to interpret the records. The results contribute to the planning of EE actions in schools and to promoting greater harmony between humans and wildlife.

Keywords: Environmental Education; Drawing; Wild Animals.

[1] Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: mlucilene382@gmail.com
[2] Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: diessesereia@gmail.com
[3] Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: carlos.brocardo@uffs.edu.br
[4] Universidade Estadual de Maringá. E-mail: karlenrodrigues1@gmail.com

Introdução

Globalmente, as ações humanas têm causado grandes alterações no uso da terra, o que tem culminado na perda de florestas e no crescimento exacerbado de regiões urbanas, corroborando para a atual crise ambiental (Bacelar; Oliveira Junior; Santos, 2017). Essas mudanças transformam ecossistemas inteiros, levando a um declínio significativo da vida selvagem (Dirzo et al., 2014; Flores-Santiago et al., 2024). Diante do impacto crescente dessas atividades, torna-se essencial a adoção de medidas para minimizar os danos causados à biodiversidade (Flores-Santiago et al., 2024).

Nesse sentido, compreender a relação entre os indivíduos e o ambiente onde vivem é importante para a construção de estratégias eficazes de conservação. Para isso, é necessário investigar como esse meio é percebido tanto em nível individual quanto coletivo. Uma importante estratégia para esse processo é a condução de pesquisas que investiguem como as pessoas percebem o meio ambiente ao seu redor, ou seja, seus conhecimentos, sentimentos e opiniões sobre as espécies que integram os ecossistemas. Compreender essa percepção contribui para uma análise mais ampla das causas dos problemas socioambientais e auxilia na formulação de soluções que considerem as realidades sociais e ecológicas específicas de cada região (Tárrio; Bolland; Negre, 2010).

No estado do Paraná, a Mata Atlântica encontra-se altamente fragmentada, sendo a região vulnerável ao desmatamento e consequentemente a perda de hábitats, o que se torna uma séria ameaça aos mamíferos de grande porte, tais como a onça-pintada (*Panthera onca*), a anta (*Tapirus terrestris*) e o queixada (*Tayassu pecari*) (Mohebalian et al., 2022, Brocardo et al., 2017, Jorge et al., 2013). Frente às ameaças sofridas pela Mata Atlântica, as Áreas Protegidas (APs) tornam-se cruciais na conservação e manutenção da biodiversidade, pois definem áreas onde as atividades humanas são restritas e controladas (Cazalis; Prévot, 2019).

O estabelecimento das APs é uma estratégia importante para a conservação da biodiversidade do planeta, proteção e manutenção do meio físico, além da preservação do patrimônio histórico-cultural associado aos ambientes naturais e às populações que com eles convivem (Bresolin; Zakrzevski; Marinho; 2010). O Parque Nacional do Iguaçu (PARNA Iguaçu) é uma UC federal estabelecida no ano de 1939, através do decreto - Lei nº. 1.035/39, tendo como objetivo a proteção integral e a conservação de seus ecossistemas naturais. A riqueza da vida no PARNA Iguaçu é muito diversa, estima-se que existam aproximadamente 839 espécies de insetos, 48 espécies de répteis, 13 espécies de anfíbios, 84 espécies de mamíferos, 175 espécies de peixes, 386 espécies de aves e 785 espécies vegetais (Barros et al., 2021, Brocardo et al., 2019).

Reconhecida como uma das maiores UCs de proteção integral da Mata Atlântica e a maior do Paraná, o Parque se estende por uma área de 169.850,63 hectares (SAMGe, 2025). Seu território abrange diretamente 11

municípios das regiões oeste e sudoeste do estado, que estão representados na Figura 1: Foz do Iguaçu (1), Santa Terezinha do Itaipu (2), São Miguel do Iguaçu (3), Medianeira (4), Matelândia (5), Céu Azul (6), Santa Tereza do Oeste (7), Lindoeste (8), Santa Lúcia (9), Capitão Leônidas Marques (10) e Capanema (11).

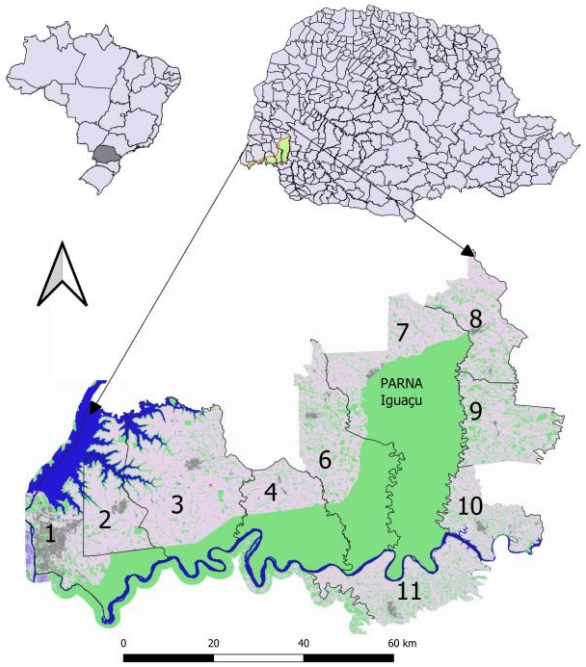


Figura 1: Mapa do Parque Nacional do Iguaçu e municípios do entorno.
Fonte: Autoria própria (2025).

Diante da interação da UC com regiões urbanas e rurais, ocorre a interação entre humanos e natureza, o que torna os conflitos socioambientais inevitáveis (Silva et al., 2013a; 2013b). Neste cenário, entende-se por conflito, a divergência de interesses entre indivíduos, e ocorre quando a ação de um exerce efeito negativo sobre o outro (Torres, 2019). Com isso, a elaboração de projetos de EA torna-se uma ferramenta essencial para influenciar a sensibilização social diante dos desafios existentes, ao mesmo tempo em que valoriza a participação das comunidades que interagem com as UCs, revelando seus desafios e perspectivas sobre o meio em que vivem (Bresolin; Zakrzevski; Marinho, 2010; Bordignon et al., 2023).

Para otimizar as ações de EA, a PA surge como uma ferramenta relevante, em que tais percepções podem servir de suporte para as diferentes estratégias na elaboração de propostas de projetos de EA, que poderão auxiliar na gestão e mitigação de conflitos em UCs (Bordignon et al., 2023). Diante deste contexto, a presente pesquisa teve como objetivo realizar o levantamento da PA de estudantes que vivem no entorno do PARNA Iguaçu. Buscou-se compreender o conhecimento que os alunos do ensino fundamental possuem

sobre a vida selvagem da região de Capanema, além de investigar possíveis conflitos entre humanos e fauna. Os resultados deste trabalho visam subsidiar a elaboração de futuros projetos de EA no contexto escolar, voltados à conservação da fauna silvestre.

Materiais e métodos

O estudo foi realizado com alunos do 6º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Rocha Pombo, em Capanema-PR. Essa turma foi escolhida por ser a primeira das séries finais do ensino fundamental, fase em que os alunos possuem conhecimento prévio sobre meio ambiente (BNCC, 2024). O município abriga áreas sob jurisdição do PARNA Iguaçu e enfrenta conflitos decorrentes da interação humano-fauna, justificando a necessidade de ações de EA (ICMBio, 2024). O projeto foi desenvolvido em dois ambientes: na escola e na trilha do Marco, às margens do Rio Iguaçu. A trilha possui 1.100 metros e é constantemente mantida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (Paraná, 2024).

Este estudo possui natureza qualitativa e quantitativa para descrever e mensurar eventos (Creswell, Poth, 2016). Adotou-se a abordagem da pesquisa-ação, que é composta por quatro fases: identificação do problema, planejamento de ações, implementação e avaliação dos resultados (Silva; Matias; Barros, 2021). A observação participante também foi utilizada como abordagem para assegurar autenticidade nos resultados (Mónico et al., 2017). Para a categorização e análise dos desenhos, os dados foram organizados conforme os princípios de Bardin (2011), permitindo identificar padrões e significados. Foram criadas categorias de análise, agrupando elementos com base em semelhanças observadas. As categorias classificaram diferentes níveis de conhecimento sobre espécies e percepções dos alunos sobre a interação humano-fauna. A frequência dessas categorias foi quantificada para mensurar sua ocorrência (Sousa; Santos, 2020).

O estudo foi desenvolvido em diferentes etapas, para isso foram empregadas diferentes abordagens de EA, incluindo oficina de formação, trilha ecológica e dinâmicas em campo. No primeiro encontro, na escola, os alunos participaram de uma oficina sobre animais domésticos e selvagens, assim como o papel e a importância das UCs. Posteriormente, produziram desenhos sobre suas percepções da fauna local. Em seguida, realizaram o “Jogo do Ecossistema”, onde balões simbolizaram o equilíbrio ambiental e os alunos representaram a biodiversidade, a dinâmica evidenciou os impactos da extinção de espécies. O segundo encontro ocorreu na trilha do Marco, às margens do Rio Iguaçu e em fronteira com o PARNA Iguaçu. Durante o percurso, ocorreu a dinâmica “Que bicho é?”, onde os alunos identificaram espécies da fauna local a partir de pistas em cartões ilustrados. Além disso, agentes do ICMBio acompanharam a trilha, explicando a relevância ecológica das espécies locais.

Resultados e discussões

Representações dos alunos sobre a fauna do Iguaçu

Os desenhos produzidos (Figuras 2 e 3) foram escaneados e analisados, além disso, os alunos foram orientados a descrever o evento nos casos em que as ilustrações apresentassem algum conflito para auxiliar nas posteriores análises.



Figura 2: Desenhos elaborados pelos alunos.
Fonte: Autoria própria (2025).

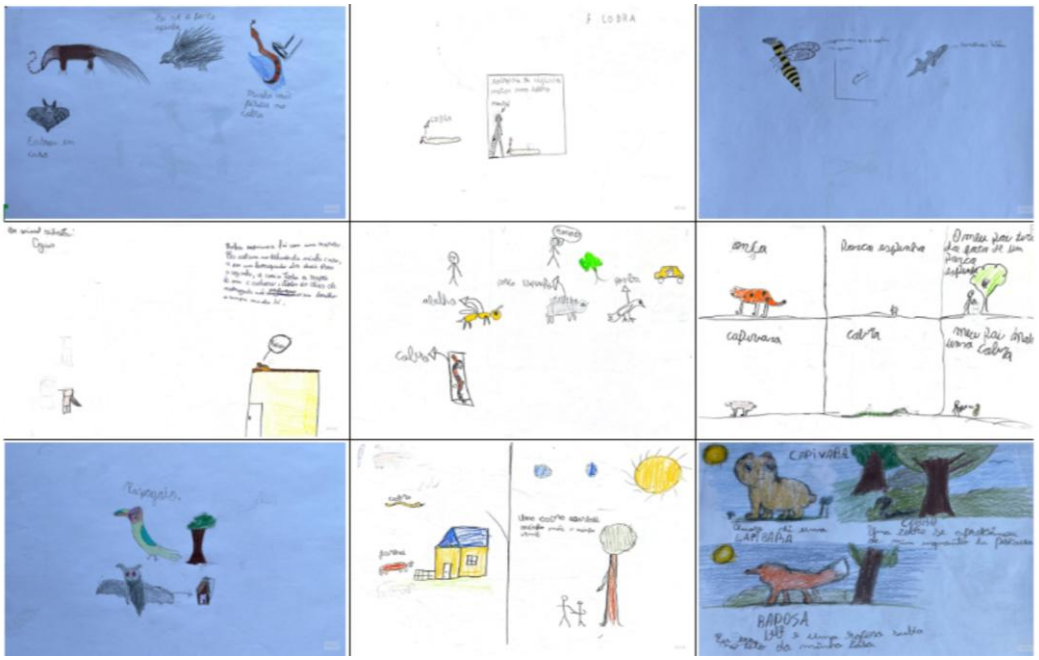


Figura 3: Desenhos elaborados pelos alunos.
Fonte: Autoria própria (2025).

As ilustrações dos alunos não permitiram a identificação precisa do gênero de algumas espécies, como aves e serpentes, devido à falta de detalhes. Além disso, ocorreram equívocos, como a representação de raposas vermelhas (*Vulpes vulpes*), quando provavelmente se referiam a gambás (*Didelphis albiventris*), graxaim-do-campo (*Lycalopex gymnocercus*) ou cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*). Também foram ilustradas espécies exóticas, como tigres (*Panthera tigris*) e leões (*Panthera leo*), que não ocorrem naturalmente no Brasil.

A presença de animais nativos nos desenhos pode ser resultado das ações educativas promovidas pelo Parque, como as desenvolvidas pela Escola Parque, referência em EA desde os anos 2000 (Borba; Cunha; Xavier, 2018). Outro destaque é o Projeto Onças do Iguaçu, que, além de monitorar a onça-pintada, sensibiliza as comunidades para a conservação da fauna silvestre (Projeto Onças do Iguaçu, 2024).

Apesar dessas iniciativas, os desenhos revelaram lacunas no conhecimento sobre a fauna local, possivelmente influenciadas por animações que associam espécies exóticas ao Brasil. As mídias consumidas pelos jovens nem sempre estimulam uma percepção crítica da biodiversidade (Sampaio, 2017). Nesse contexto, a EA desempenha um papel essencial ao aproximar os estudantes das questões ambientais locais para promover reflexões sobre as relações entre sociedade e natureza (Vieira et al., 2021). Com uma abordagem crítica, a EA não apenas desenvolve conhecimentos ecológicos e científicos, mas também incentiva comportamentos responsáveis e a participação social (Loureiro; Lima, 2012).

Todas as espécies ilustradas estão sendo representadas na Tabela 1 (próxima página), indicando seus nomes comuns e científicos, classificando-as como nativas ou exóticas e quantificando sua frequência nos desenhos. Algumas espécies não puderam ser identificadas precisamente, sendo substituídas por exemplos de fauna nativa da região. Ressalta-se que a maioria dos animais desenhados possui ampla distribuição global, mas algumas espécies, como a capivara, o tamanduá, o quati e a onça-pintada, são símbolos do PARNA Iguaçu e possuem relevância regional.

Os dados apresentados revelam tendências sobre a percepção dos estudantes em relação à fauna, evidenciando um equilíbrio entre espécies nativas e exóticas, embora algumas discrepâncias mereçam destaque. As serpentes são os animais com maior frequência, tendo 14 registros ou 23,3% de menções. Embora não tenha sido possível identificar com precisão espécies ou gêneros, ao considerar as características da região do PARNA Iguaçu, é possível inferir algumas espécies mais comuns.

Tabela 1: Espécies mencionadas nos desenhos.

ESPÉCIE	NOME CIENTÍFICO	ORIGEM	UNIDADE DE REGISTRO
Abelha (abelha-europeia)	*Apis mellifera*	Exótica	2
Gavião	*Morphnus guianensis*	Nativa	1
Aracnídeo	Diversos gêneros. Ex: *Phoneutria* (Armadeira)	Nativa	2
Azulão	*Cyanoloxia brissonii*	Nativa	1
Capivara	*Hydrochoerus hydrochaeris*	Nativa	5
Coruja	Diversos gêneros. Ex*: Athene cunicularia* (Coruja-buraqueira)	Nativa	1
Formigas	Diversos gêneros. Ex: *Atta sexdens rubropilosa* (Saúva)	Nativa	2
Jacaré (jacaré-de-papo-amarelo)	*Caiman latirostris*	Nativa	1
Lagartixa	*Hemidactylus mabouia*	Exótica	1
Leão	*Panthera leo*	Exótica	1
Macaco	*Sapajus nigritus*	Nativa	2
Morcego	*Chiroptera*	Nativa	2
Onça-pintada	*Panthera onca*	Nativa	1
Pato	*Cairina moschata*	Nativa	1
Papagaio	*Amazona aestiva*	Nativa	2
Pássaros	Diversos gêneros. Ex:*Turdus rufiventris* (Sabiá-laranjeira)	Nativa	3
Pica-pau	*Colaptes campestris*	Nativa	1
Pomba	*Columba livia*	Exótica	1
Porco-espinho	*Coendou spinosus*	Nativa	4
Quati	*Nasua nasua*	Nativa	2
Quero-quero	*Vanellus chilensis*	Nativa	2
Raposa	*Vulpes vulpes*	Exótica	3
Rato	Diversos gêneros. Ex: *Rattus norvegicus* (Ratazana)	Exótica	2
Serpentes	Diversos gêneros. Ex: *Bothrops jararaca* (Jararaca)	Nativa	14
Tamanduá-bandeira	*Myrmecophaga tridactyla*	Nativa	1
Tigre	*Panthera tigris*	Exótica	2

Fonte: Autoria própria (2025).

Os dados apresentados revelam tendências sobre a percepção dos estudantes em relação à fauna, evidenciando um equilíbrio entre espécies nativas e exóticas, embora algumas discrepâncias mereçam destaque. As serpentes são os animais com maior frequência, tendo 14 registros ou 23,3% de menções. Embora não tenha sido possível identificar com precisão espécies ou gêneros, ao considerar as características da região do PARNA Iguaçu, é possível inferir algumas espécies mais comuns. Entre espécies peçonhentas temos exemplos como, a cascavel (*Crotalus durissus*), a jararaca (*Bothrops jararaca*) e a urutu-cruzeiro (*Bothrops alternus*). Além dessas, a região também abriga serpentes não peçonhentas, como a caninana (*Spilotes pullatus*) e a muçurana (*Clelia sp*) (Projeto Onças do Iguaçu, 2023).

A relevante ocorrência de serpentes pode estar ligada à oferta de abrigo, como vegetação densa, rochas e estruturas artificiais, construções e materiais acumulados em quintais. Esses locais oferecem refúgio e áreas de caça, atraindo espécies que se alimentam de roedores e outros animais. Além disso, sua camuflagem e adaptação a diversos ambientes contribuem para sua ampla distribuição (Navega-Gonçalves; Porto, 2017). Fora fatores ecológicos, o destaque para as serpentes pode estar relacionado aos sentimentos como medo e curiosidade que estes animais despertam, levando a maior lembrança deles em relação a outros.

Corroborando com a Tabela, a Figura 4 ilustra a distribuição dos percentuais mais relevantes de avistamentos representados pelos alunos da fauna local.

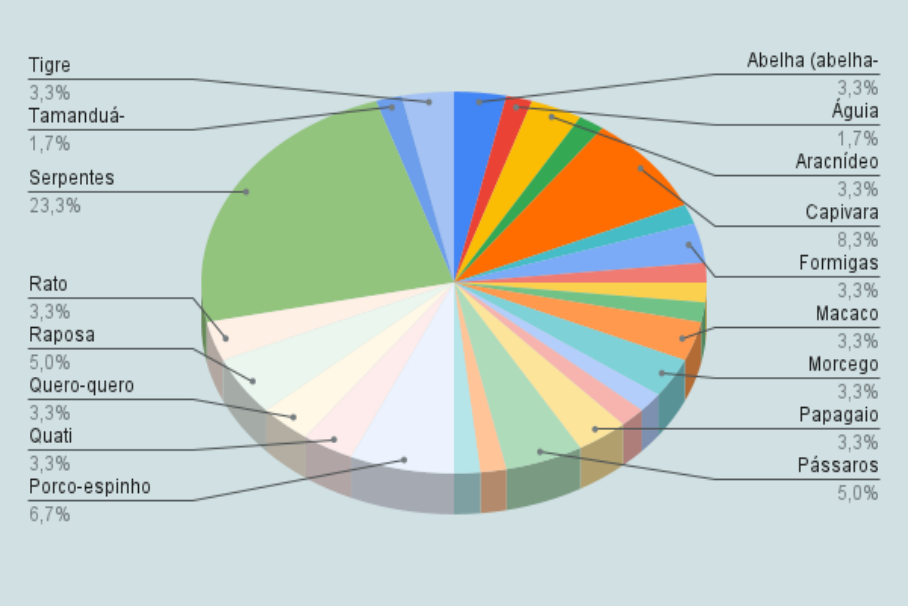


Figura 4: Porcentagem de espécies mencionadas.
Fonte: Autoria própria (2025).

A capivara (8,3%) e o porco-espinho (6,7%) destacaram-se entre as espécies nativas. Raposas e pássaros representaram 5,0% cada, enquanto abelha, macaco, quati, papagaio e rato corresponderam a 3,3%. O tamanduá e

o gavião foram menos mencionados, com 1,7% cada. Dada a grande diversidade de aves de rapina na Mata Atlântica, a representação do gavião pode referir-se ao caracara-de-crista (*Caracara plancus*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) ou uruaçu (*Morphnus guianensis*), este último já registrado no PARNA Iguaçu (Cataneo, 2022).

Análise do conhecimento dos estudantes sobre as espécies da fauna local

A Tabela 2 apresenta os níveis de conhecimento dos alunos sobre as espécies existentes na região, categorizados em "Conhecimento avançado", "Conhecimento intermediário" e "Não possui conhecimento". Os dados obtidos nos levantamentos, foram compilados individualmente nas categorizações apresentadas. Desta forma foi possível descrever e mensurar a ocorrência de cada evento.

Tabela 2: Conhecimento dos alunos sobre as espécies existentes na região.

CONHECIMENTO SOBRE ESPÉCIES EXISTENTES		
CATEGORIA	**UNIDADES DE SENTIDO**	**UNIDADES DE REGISTRO**
Conhecimento avançado	Todas as espécies ilustradas são regionais.	16
Conhecimento intermediário	Parte das espécies ilustradas são regionais.	2
Não possui conhecimento	Nenhuma espécie ilustrada pertence à região.	0

Fonte: Autoria própria (2025).

Os alunos demonstraram boa familiaridade com a biodiversidade regional, possivelmente advindas de suas experiências familiares ou ações educativas. Apenas dois apresentaram conhecimento intermediário, e nenhum foi classificado como sem conhecimento. Os resultados demonstram que, mesmo com variações, há um conhecimento consolidado sobre a biodiversidade regional. No entanto, as diferenças entre os níveis de conhecimento reforçam a importância de ações de EA que aprofundem o entendimento sobre a fauna, promovendo um conhecimento mais preciso sobre as espécies.

Análise do sentimento dos estudantes sobre a interação com a fauna

Os dados da Tabela 3 a seguir, estão organizados em três categorias que revelam as percepções dos estudantes sobre a interação entre humanos e a vida selvagem. A terceira categoria foi criada para abranger os desenhos que

apenas ilustram a fauna e não necessariamente demonstram algum tipo de sentimento de retaliação às espécies.

Tabela 3: Sentimento dos alunos sobre a interação entre humanos e a vida selvagem.

SENTIMENTO EXPRESSO		
Categoria	**Unidades de sentido**	**Unidades de registro**
Coexistência harmônica	Humanos e animais convivem no mesmo ambiente sem conflitos.	3
Coexistência desarmônica	Ocorrem conflitos, invasão de fauna, humanos caçam e perseguem os animais.	3
Não demonstra	O desenho não expressa desarmonia ou harmonia entre fauna e humanos.	12

Fonte: Autoria própria (2024).

A categoria "Coexistência harmônica" é caracterizada por representações que sugerem uma convivência pacífica entre humanos e animais. Essa percepção pode refletir uma visão idealizada de um equilíbrio natural, em que ambos os seres coexistem no mesmo ambiente de forma integrada e respeitosa. Com três unidades de registro, esta categoria indica que 15% dos alunos possuem experiências pacíficas com a fauna silvestre. Os desenhos que evidenciam essa interação estão apresentados nas Figuras 5, 6 e 7, acompanhados das frases descritas pelos estudantes que os contextualizam.

Frase 1: *"Que lindo"*



Figura 5: Percepção de um estudante sobre a fauna.
Fonte: Autoria própria (2025).

Frase 2: *“Um dia estava caminhando vi uma cobra e fiquei tranquila”*



Figura 6: Representação da aluna ao encontrar uma espécie selvagem.
Fonte: Autoria própria (2025).

Frase 3: *“Todas as madrugadas nós escutávamos barulhos e era sempre ela lá, a raposa”*



Figura 7: Experiência do estudante com fauna silvestre.
Fonte: Autoria própria (2025).

A frase “Que lindo” pode indicar uma admiração pelos animais, revelando um sentimento de apreço e respeito. A segunda frase, evidencia uma experiência pessoal em que o estudante se deparou com um animal considerado por muitos como perigoso, mas que, ao contrário da expectativa de medo, se sentiu tranquila. Já a frase “Todas as madrugadas nós escutávamos barulhos e era sempre ela lá, a raposa” reflete uma interação mais constante com a fauna, destacando a presença de um animal selvagem

na vida cotidiana do estudante. Essa frase caracteriza uma convivência ou até familiaridade com a espécie, sugerindo que, apesar dos ruídos noturnos, o animal é aceito como parte do ambiente.

A categoria "Coexistência desarmônica" retrata que 15% dos estudantes possuem algumas experiências negativas sobre a interação com a fauna. Através de 3 ilustrações, percebe-se que essa relação resultou na morte da espécie, sendo as três com serpentes.

As Figuras 8, 9 e 10 ilustram essa interação, juntamente com as frases descritas pelos estudantes.

Frase 4: "*Meu pai matou uma cobra"*



Figura 8: Conhecimento e experiência do aluno sobre a fauna.
Fonte: Autoria própria (2025).

Frase 5: *"Cachorro do vizinho matou uma cobra"*



Figura 9: Experiência do aluno com serpente.
Fonte: Autoria própria (2025).

Frase 6: *“Minha madrasta já matou uma cobra”*

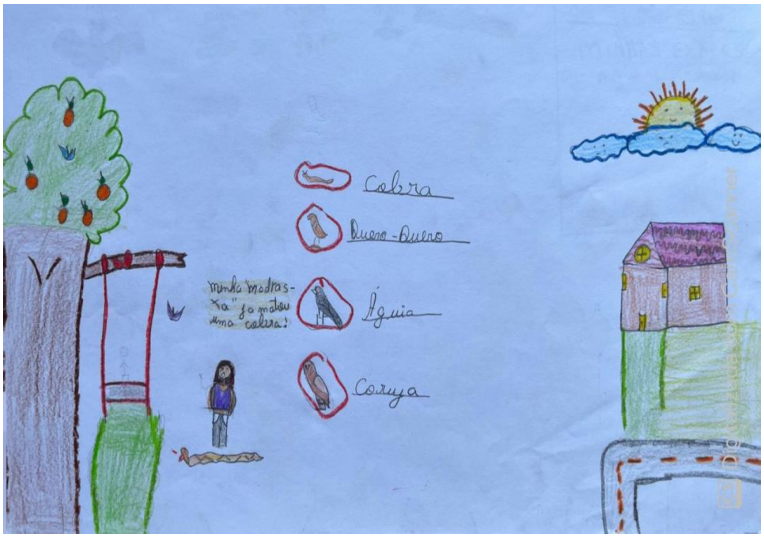


Figura 10: Conhecimento da aluna e experiência com serpente.
Fonte: Autoria própria (2025).

Essa percepção pode sugerir que, para parte dos estudantes, o convívio com os animais foi marcado pelo enfrentamento, medo ou retaliação, evento já descrito no PARNA Iguaçu através do estudo de Sereia *et al*., 2024. A retaliação de espécies silvestres refere-se às ações humanas tomadas como resposta a interações consideradas negativas ou ameaçadoras com animais. Essas ações geralmente são motivadas pelo medo, em que a retaliação é uma medida tomada pelo homem na tentativa de mitigar, controlar ou eliminar o possível risco percebido (Torres, 2019).

Os desenhos refletem situações em que as serpentes são vistas como ameaças ou elementos indesejados no ambiente humano, resultando em sua morte. Tais comportamentos podem ser interpretados como uma resposta instintiva de defesa, mas também indicam uma possível falta de compreensão e conhecimento sobre as espécies. Esses resultados apontam para a necessidade de intervenções de EA que abordem a coexistência entre humanos e animais, especialmente no que se refere à desmistificação de espécies frequentemente vistas como perigosas.

A categoria "Não demonstra" é a maior, com 12 unidades de sentido. Os desenhos apenas ilustram a fauna, sem indicar harmonia ou conflito com humanos. Isso sugere que muitos alunos não veem essa interação como central ou significativa em suas experiências. Os resultados demonstram uma variação de uma coexistência pacífica a uma relação mais adversa. Essas diferenças ressaltam a importância das ações de EA que promovam não apenas a conscientização sobre os impactos das atividades humanas, mas também a valorização da fauna silvestre. Neste sentido, a EA pode ser considerada uma ferramenta eficiente na defesa da vida selvagem, podendo

inclusive, ajudar a reaproximar o ser humano da natureza, despertando maior responsabilidade e respeito dos indivíduos em relação ao ambiente em que vivem (Fernandes et al., 2003; Santos; Cândido, 2023).

Conclusões

Os resultados indicam que os alunos possuem um conhecimento diversificado sobre a fauna local, das 26 espécies ilustradas, apenas três não ocorrem na região, demonstrando boa familiaridade com a vida selvagem. No entanto, a representação de espécies não nativas, revelam lacunas no conhecimento. Além disso, alguns desenhos destacaram conflitos entre humanos e serpentes, reforçando a necessidade de ações educativas para desmistificar medos e orientar comportamentos.

A integração do estudo da PA com ações de EA mostrou-se essencial para compreender as interações entre humanos e fauna. Por meio da análise dos desenhos foi possível evidenciar aspectos de conhecimento que requerem maior atenção, destacando a escola como espaço estratégico para pesquisas que visem entender o ambiente em que os indivíduos estão inseridos. Portanto, torna-se fundamental fortalecer estratégias que unam ensino, pesquisa e vivências práticas, aprofundando o conhecimento sobre a fauna local e promovendo atitudes responsáveis para sua conservação da fauna do Iguaçu.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro, que tornou possível a realização de muitas etapas deste trabalho.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Internet Archive, 2011. Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

BARROS, Yara; KOTZ, Aline; REGINATO, Thiago; FOSTER, Vânia; DIAS, Jéssica; FALCÃO, Cléo; BAPTISTON, Ivan; PAVIOLO, Augustin; ANGELO, Carlos De; FELICIANI, Felipe. Bichos do Parque Nacional do Iguaçu: a vida no seu quintal. Foz do Iguaçu: **Bem Comunicar**, 2021. 72 p.

Base Nacional Comum Curricular. **Ensino Fundamental** (6º ao 9º ano). Brasil, 2023. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/biblioteca-de-apoio/pcn-ensino-fundamental-6-ao-9-ano/. Acesso em: 10 fev. 2025.

BORBA, Rosani; CUNHA, Marcia Borin da; XAVIER, Mariele Mucciatto. O Parque Nacional do Iguaçu e a Educação Ambiental: uma trajetória a ser contada. **Revista Latino-Americana de Estudos Avançados**, v. 1, n. 2, p. 118-138, 2018.

BORDIGNON, Lucilene Alves Moreira; RODRIGUES, Karlen; SANTOS, José Ulisses dos; SEREIA, Diesse Aparecida de Oliveira. Percepção ambiental dos moradores lindeiros ao Parque Nacional do Iguaçu sobre a vida selvagem. **Revista de Tecnologia & Gestão Sustentável**, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 198-211, 23 dez. 2023. ANAP - Associação Amigos de Natureza de Alta Paulista.

BRESOLIN, Alan José; ZAKRZEVSKI, Sônia Beatris Balvedi; MARINHO, Jorge Reppold. Percepção, comunicação e Educação Ambiental em Unidades De Conservação: um estudo no Parque Estadual de Espigão Alto – Barracão/RS - Brasil. **Perspectiva**, Erechim, v. 34, n. 128, p. 103-114, dez. 2010.

BROCARDO, Carlos Rodrigo; SILVA, Marina Xavier da; DELGADO, Luis Eduardo Da Silva; GALETTI, Mauro. (2017). White-lipped peccaries are recorded at Iguaçu National Park after 20 years. **Mammalia**, 81(5), 519-522.

BROCARDO, Carlos Rodrigo; SILVA, Marina Xavier; FERRACIOLI, Paula; CÂNDIDO, José Flávio Cândido Junior; BIANCONI, Gledson; MORAES, Marcela Figueredo Duarte; GALETTI, Mauro; PASSAMANI, Marcelo; POLICENA, Adaildo; REIS, Nélio Roberto; CRAWSHAW, Peter. Mamíferos do Parque Nacional do Iguaçu. **Oecologia Australis**. v.23, n. 2, p. 1-20, out. 2019.

CATANEO, Matheus. Morphnus guianensis (Daudin, 1800). **Wiki Aves** - A Enciclopédia das Aves do Brasil. Disponível em: https://www.wikiaves.com.br/5194592. Acesso em: 10 fev. 2025.

CAZALIS, Victor; PRÉVOT, Anne Caroline. Are protected areas effective in conserving human connection with nature and enhancing pro-environmental behaviours? **Biological Conservation**, v. 236, p. 548-555, ago. 2019.

CRESWELL, Jhon W; POTH, Cheryl N. Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches. 4. ed. **Sage Publications**, 2016.

DIRZO, Rodolfo; YOUNG, Hillary S; GALETTI, Mauro; CEBALLOS, Gerardo; ISAAC, Nick J. B; COLLEN, Ben. Defaunation in the Anthropocene. **Science**, v. 345, n. 6195, p. 401-406, 25 jul. 2014. American Association for the Advancement of Science.

FLORES-SANTIAGO, Ivan; BAENA, Martha L; DELFÍN-ALFONSO, Christian A; SILVA-RIVERA, Evodia; PÉREZ-CHACÓN, José Luis. Perception and uses about mammals in México: a literature review. **Ethnobiology and Conservation**, v. 13, 2024. Disponível em: https://ethnobioconservation.com/index.php/ebc/article/view/911. Acesso em: 12 fev. 2025.

INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE. **Projeto Político-Pedagógico mediado pela Educação Ambiental do Parque Nacional do Iguaçu**. Foz do Iguaçu, 2024.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBIO). **Unidades de Conservação Federais gerenciadas pelo Instituto Chico Mendes**. Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/teste-navegue-pelo-mapa. Acesso em: 27 fev. 2025.

JORGE, Maria Luisa S. P; GALETTI, Mauro; RIBEIRO, Milton Cezar; FERRAZ, Katia M. P. M. B. Mammal defaunation as surrogate of trophic cascades in a biodiversity hotspot. **Biological Conservation**, v.163, p.49-57, jul. 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico B; DE LIMA, Maria Jaqueline Girão Soares. AMPLIANDO O DEBATE ENTRE EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 235-242, dez. 2012.

MOHEBALIAN, Phillip M; LOPEZ, Lucas N; TISCHNER, Angela Bárbara; AGUILAR, Francisco X. Deforestation in South America' s tri-national Paraná Atlantic Forest: Trends and associational factors. **Forest Policy and Economics**, v. 137, p. 102697, 2022.

MÓNICO, Lisete; ALFERES, Valentim Rodrigues; CASTRO, Paulo Alexandre; PEREIRA, Pedro. Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, n. 3, p. 724-733, 2017.

NAVEGA-GONÇALVES, Maria Eliana Carvalho; PORTO, Tatiane. Conservação de serpentes nos biomas brasileiros. **Bioikos** – Título não-corrente, v. 30, n. 1, 2017. Disponível em: https://puccampinas.emnuvens.com.br/bioikos/article/view/3533. Acesso em: 3 jan. 2025.

PARANÁ. Governo do Estado do Paraná: **Município de Capanema**. Disponível em: https://www.viajeparana.com/Capanema. Acesso em 18 fev. 2025.

PROJETO ONÇAS DO IGUAÇU. **Animais venenosos e peçonhentos da região do Iguaçu**: prevenção e cuidados. São Paulo: WWF Brasil, 2023. 55 p.

PROJETO ONÇAS DO IGUAÇU. **Histórico do Projeto**. 2024. Disponível em: https://projetooncasdoiguacu.org/historico/. Acesso em: 20 fev. 2025.

SANTOS, Flávio Reis; CÂNDIDO, Cristiane Raquel Ferreria. A percepção sobre meio ambiente e Educação Ambiental na prática docente das professoras das escolas municipais rurais de Morrinhos, GO. **Interações** (Campo Grande), p. 175-191. 2023. Universidade Católica Dom Bosco.

SAMPAIO, Shaula. Pedagogias culturais e Educação Ambiental: mídia e cotidiano na sala de aula. In: SCHWANTS, L.; RIBEIRO, P. R. G. Ecos terrestres do sul: articulando os ecossistemas ao ensino de ciências. Rio Grande: **Editora da FURG**, p. 29-46, 2017.

SEREIA, Diesse Aparecida de Oliveira; RODRIGUES, Karlen; BORDIGNON, Lucilene Alves Moreira; PACHECO, Roseli Bernardete Dahlem; PONTES, Sara Regina Sampaio de; SANTOS, José Ulisses dos. PARTICIPAÇÃO SOCIAL NA ELABORAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO MEDIADO PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 19, n. 7, p. 319-333, 18 set. 2024. Universidade Federal de São Paulo. http://dx.doi.org/10.34024/revbea.2024.v19.19078.

SILVA, Maria Xavier; BROCARDO, Carlos Rodrigo; RODRIGUES, Apolonio; VOGLIOTTI, Alexandre. **Beyond the Protected Area: the case studies of two twin jaguars around the Iguaçu National Park–Brazil**. In: Protected Areas and Place Making, p. 155, 2013.

SILVA, Maria Xavier; BROCARDO, Carlos Rodrigo; RODRIGUES, Apolonio; VOGLIOTTI, Alexandre. **Large predators and livestock activities in the region of Iguaçu National Park, Brazil**. In: Protected Areas and Place Making, p. 168, 2013.

SILVA, Andressa Lima; MATIAS, Juliana Cândido; BARROS, Josemir Almeida. Pesquisa em Educação por meio da pesquisa-ação. **Pesquiseduca, Santos**, v. 13, n. 30, p. 490-508, 2021. Programa de Educação -Universidade Católica de Santos. Disponível em: https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1060/938. Acesso em: 15 fev. 2025.

SISTEMA DE ANÁLISE E MONITORAMENTO DE GESTÃO (SAMGe). **Parque Nacional do Iguaçu**. 2025. Disponível em: http://samge.icmbio.gov.br/Uc/697. Acesso em: 12 mar. 2025.

SOUSA, José Raul; SANTOS, Simone Cabral Marinho. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora**, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 31 dez. 2020. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559/2204. Acesso em: 13 mar. 2025.

TARRÍO, Rosalía Fernandez; PORTER-BOLLAND, Luciana; NEGRE, Jaume Sureda. Percepciones y conocimientos ambientales de la población infantil y juvenil de una comunidad rural de Veracruz, México. **Revista de Educación y Desarrollo**, p. 35-43, 2010.

TORRES, Denise de Freitas. **Conflitos, caça e conservação da fauna silvestre**. 2019. 143 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, Biologia, Ufrpe - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

VIEIRA, Renan Luiz Albuquerque; SOUZA, Hanilton Ribeiro; BENTO, Heitor José; COSTA, Thaise da Silva Oliveira; FELICIANO, Marcus Antônio Rossi. INTERFACES ENTRE PESQUISA E ENSINO: estratégias para sensibilização dos alunos do ensino básico para conservação da fauna silvestre, em especial o tayassu pecari. **Enciclopédia Biosfera**, Jandaia, v. 18, n. 35, p. 114-126, 30 mar. 2021. Centro Científico Conhecer.